

tunidade de inverter as perspectivas e analisar o modo como as mulheres percebiam o SOS, talvez sua avaliação pudesse ter sido mais matizada.

De qualquer maneira, ao colocar em cena suas "queixas" contra essa entidade feminista e o feminismo em geral, a autora abre perspectivas para um interessante debate com aqueles que escreveram sobre outros movimentos sociais. Na sua comparação com os movimentos feministas, aqueles como as CEBs, por exemplo, parecem ter tido muito mais êxito na "conversão" pedagógica das consciências das classes populares do que estes. Seria interessante nos perguntarmos por quê. Por outro lado, os autores mais recentes que analisaram etnograficamente a organização concreta desses grupos revelam, também neste caso, um certo fracasso. Na "comunidade" local permanece inteira e até se valoriza a lógica da autoridade, da desigualdade e da individualidade.

Esses são os paradoxos que têm inquietado os pesquisadores dos movimentos sociais. Livros como o de M. Filomena Gregori estimulam o debate e a reflexão em torno de questões que nos interpelam, política e subjetivamente.

Teixeira, Sérgio Alves. *A semântica simbólica dos nomes de galos de briga, bois, prostitutas, prostitutos e travestis*. "Caderno de Antropologia", nº 8, Porto Alegre, UFRS, 1992, 163 págs.

Marcos Pereira Rufino  
Aluno de Grad. do Curso de Ciências Sociais/USP

São poucos os livros portadores de títulos como este, capazes de suscitar a nossa curiosidade à primeira vista; são poucos também os que apresentam, no rótulo, o assunto a ser tratado de forma tão explícita. No entanto, cabe alertar que por trás da obviedade da capa escondem-se resultados interessantes, frutos de várias pesquisas realizadas em momentos diferentes pelo autor, antropólogo vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Além de uma introdução genérica aos pressupostos envolvidos no estudo de nomes próprios, o livro está dividido em mais três capítulos, remetendo, respectivamente, a cada uma das categorias citadas no título, sendo que o terceiro capítulo reúne sozinho a análise referente às prostitutas, prostitutos e travestis. A estrutura interna dos capítulos segue um mesmo padrão, contendo partes homólogas que expõem os dados situacionais, as estratégias de pesquisa e a análise da semântica simbólica dos nomes, referentes aos seus respectivos capítulos.

O fato de a briga de galos no Brasil não ter a morte do animal como algo programado ou previsível, como o é na França ou Indonésia, conduz o autor a concluir que as rinh

são organizadas para que os galos exibam os atributos pensados como inerentes à masculinidade, agudizando a oposição simbólica entre masculino e feminino. As nomações dos galos de briga não podem ser entendidas sem considerarmos esse detalhe. Além de um nome doméstico (que se reporta a características visíveis no animal, como aparência física, traços comportamentais, mas também a momentos presentes na sua biografia de vida), os galos de briga possuem um nome de combate, que pode ser do tipo natural (quase não se diferencia dos critérios utilizados na nomação doméstica) ou metafórico. No nome de combate metafórico temos a expressão da "competência secundária" do galo de briga, que é a de exibir os valores da masculinidade, principalmente os de seu proprietário – a competência primária seria a disposição para a luta. Os nomes dos animais e das pessoas em foco estão relacionados de maneira determinada e necessária entre si, e também com a forma como os papéis simbólicos que expressam.

Com os bois, o processo de nomação se faz de forma muito parecida à dos galos de briga. Tem-se nomes inspirados diretamente nas características do animal, como Salino, Levantado, Zebu (físicas); Rainha, Jardim, Andorinha (comportamentais); Banco do Brasil, Trezentos e Oitenta (biográficas); e nomes referentes a representações subjetivas de determinados valores. Com relação a esta última espécie de nomação, Sérgio Alves Teixeira limita-se a tratar de apenas uma categoria particular de bovinos, que são aqueles machos utilizados para tração, sempre castrados, compondo a formação de juntas (pares) de tração. Enquanto os nomes inspirados em características visíveis dos animais revelam a proeminência da natureza sobre a cultura, os nomes atribuídos aos pares de tração fazem o inverso, isso porque estes últimos se orientam pela "competência secundária" dos bois: tracionar.

Para entendermos melhor a lógica operante por trás dos nomes dos bois de tração precisamos ter em mente um pressuposto fundamental: a boa parilha (junta) é aquela formada por bois os mais semelhantes possíveis. O desempenho satisfatório de uma junta só ocorreria com o atendimento dessa condição ideal. Diante disso, os nomes são atribuídos de forma a sugerir e expressar simbolicamente um sinal de igualdade entre os componentes da junta. A similitude expressa pelo nome dos bois que compõem a parilha denuncia a vontade de se ter bois idênticos. Não podemos deixar de observar que esses nomes lembram fortemente a semelhança dos nomes artísticos adotados pelas duplas sertanejas. O autor nos lembra constantemente que "todos os nomes próprios são portadores de mensagens que informam a respeito dos nominados, dos nominadores e dos universos sociais em que são gestados (...)" (p. 8).

O estudo da semântica simbólica dos nomes inseridos no campo da prostituição limita-se a um grupo muito singular: a prostituição de luxo, que se auto-apresenta através de anúncios em jornais. Nesses anúncios procura-se explorar a atratividade que o interdito da prostituição, do homossexualismo e da pederastia exerce sobre as pessoas. Os atrativos resultantes da interdição, segundo o autor, agiriam como "operadores de intensidade libidinal".

A análise dos nomes de prostitutas, prostitutos e travestis é antecedida por uma observação sistemática da estrutura dos anúncios de serviços sexuais publicados em jornais

de grande circulação, entre eles *Folha de São Paulo*, *Zero Hora*, *O Globo* e *Correio Brasileiro*. Numa parte dedicada à leitura sociológica dos anúncios ficamos sabendo que o tipo de prostituição tratada no livro mobiliza concepções de larga circulação no imaginário do brasileiro, a saber: atração pelo proibido, reserva/discrição para as coisas do sexo, proeminência do masculino no relacionamento sexual, valorização da beleza e da juventude, validação simbólica de status (a procura por um serviço que tem por público-alvo os executivos e indivíduos "Classe A" seria uma maneira de validar uma condição social em ascensão). Todos esses fatores agem como atributos positivos.

À imagem do prestador de serviços sexuais está associado também um conjunto de atributos negativos. Talvez não tenhamos a existência de um estereótipo cristalizado, mas, sem sombra de dúvidas, observamos a sedimentação de preconceitos e ojerizas muito recorrentes. Os nomes adotados por esses grupos desempenham a tarefa de associá-los àqueles atributos positivos. Servem como aliados na neutralização da negatividade envolvida nessas atividades. De maneira dramática, esses nomes apontam para a construção de novas identidades sociais. Sérgio Alves Teixeira nos mostra o quanto os nomes próprios são expressivos de idéias, sentimentos, representações e visões de mundo. Eles operam como poderosos instrumentos de identificação subjetiva. Compreender o conteúdo simbólico e as intenções dissimuladas que carregam pode ser uma aventura instigante, a começar pelo título deste livro.

Mott, Luiz. *Rosa Egípcíaca. Uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S.A., 1993, 749 páginas.

Aracy Lopes da Silva  
Professora do Departamento de Antropologia/USP

Ao fim das mais de setecentas páginas que compõem este livro, o leitor sente dificuldade em separar-se dele. Trata-se de obra que apresenta extensa e minuciosa pesquisa historiográfica conduzida com um olhar que mescla a Antropologia e a História em doses justas. O tema é original e fascinante: a biografia de uma menina africana trazida ao Brasil aos seis anos de idade como escrava que, depois de deflorada pelo senhor e vendida à mãe de Frei Santa Rita Durão, torna-se, nas Minas Gerais dos setecentos, prostituta e, mais adiante, energúmena. Possessa pelo demônio controlado às custas de freqüentes sessões de exorcismo, abandona a prostituição, torna-se beata, obtém a alforria e, num crescendo, passa a ter as visões e as experiências místicas características das santas canonizadas pela Igreja Católica. Perseguida em Minas, onde dúvidas a respeito da autenticidade de seu estado a levaram ao pelourinho e à prisão, foge para o Rio de Janeiro onde é, primeiro, reco-